



Sodoma e Gornorra no **evangelho de Neville**

‘Rio Babilônia’, cult erótico que desafiou **tabus nos anos 1980**, ganha projeção nesta quinta (26) no **Cineclube das Casas Casadas**, em Laranjeiras, enquanto **seu diretor, Neville D’Almeida**, brilha nos streamings. Página 2



Divulgação

Jardel Filho
integra o elenco
do longa, um
das maiores
bilheterias
do cinema
nacional

Uma crônica definitiva da Babel carioca nos anos 70

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Sinônimo vivo de salas de exibição abarrotadas (de pagantes) na virada dos anos 1970 para os 80, o mineiro Neville d'Almeida vivia o apogeu profissional de uma carreira forjada na ousadia quando decidiu fazer uma crônica – definitiva – sobre a Babel que o Rio de Janeiro virou com a instalação da cocaína como “passatempo” da burguesia e meio de subsistência do submundo. Com “A Dama do Lotação” (1978), o diretor contabilizara 6.509.134 ingressos vendidos, isso só pelas estatísticas da Embrafilme, pois outras fontes falam em 7,5 milhões de pagantes. É um dos maiores recordes de arrecadação da História deste país nas telas.

Na sequência, fez “Os 7 Gatinhos” (1980) e arrastou por volta de 1,9 milhão de espectadores para os palácios e poeiras do país. Estava com tudo, sem estar prosa, pois sua vocação é bagunçar o co-reto das patrulhas morais. Satisfaz sua vontade de registrar excessos de uma década que nascia trincada ao tratar esta cidade qual fosse a Sodoma e Gomorra de sua fiel



Joel Barcellos e Christiane Torloni no cult que ampliou a fama de maldito de Neville D'Almeida e cartaz original do filme

companheira, a “Bíblia”, no thriller “Rio Babilônia”, lançado em 1983. Parte da crítica enxerga ali uma obra-prima. Programadores de TVs (abertas e fechadas) encontraram em sua narrativa uma mina de ouro: por anos a fio, o filme rodou pelas madrugadas das telinhas do Brasil. Onanistas se deliciaram com seu teor de erotismo por anos a fio, sem preocupação alguma com objetificações. Conservadores o tratam como chorume há quatro décadas. Uma obra de arte que sabe ser isso tudo só pode ser signo de excelência. Tire a prova de suas (muitas) virtudes conferindo a exibição, seguida de debate, dessa joia com

status de maldita nesta quinta-feira (26), às 18h, nas Casas Casadas, em Laranjeiras.

Tem um cineclube semanal correndo solto naquele espaço, coladinho à Riofilme. Semana a semana, cineastas de quilate autoral vão lá falar de suas estéticas. Esta semana, Neville tem a palavra. Nascido em 1981, o octogenário campeão de bilheteria segue ativo – e imbatível – na criação de curtas-metragens, médias e longas documentais e exercícios de artes visuais.

Escrito pelo realizador com Ezequiel Neves e João Carlos Rodrigues, “Rio Babilônia” acompanha os sete últimos dias de um ano que está a terminar na polis cario-



ca. A beleza e a grandiosidade da cidade são observadas em vista aérea. O fixer (“arranjador”) Marciano (Joel Barcelos, em hipnótica atuação) nos conduz pela cidade. Típico carioca, sobrevive de eventuais trabalhos como um faz-tudo. No momento retratado, vive um devir guia turístico, no qual acompanha o Dr. Liberato (Jardel Filho), apelidado Mr. Gold, um contrabandista de ouro que volta ao país. Vera Moreira (Christiane Torloni) é uma jornalista corajosa que tem informações contra Mr. Gold e por isso corre perigo. Vera e Marciano se conhecem e ela o faz cúmplice do seu projeto de denunciar Liberato. Marciano tam-

bém acompanha Linda Lamar (Pat Cleveland), uma estrela internacional em busca do exotismo do país. Ela se apaixona por Bira (Antônio Pitanga), que é um passista de escola de samba. Nos festejos de fim de ano, uma festa extravagante vai unir... e entorpecer... essa fauna toda, numa Comédia Humana das loucuras de um Brasil na reta final do jugo militar.

“Por culpa dos fariseus da cultura, eu filmei menos do que merecia”, reclamou Neville num desabafo recente ao Correio da Manhã. “Vivemos uma política do ‘Um edital na mão e nenhuma ideia na cabeça’ no país. Tem muita gente que não conhece a história do nosso cinema por aí... trabalhando a mil, mas de forma colonizada”.

Paralelamente à projeção nas Casas Casadas, Neville ocupa a Netflix com o já citado “A Dama do Lotação”. É o mais bem-sucedido mergulho do cinema nacional na obra de Nelson Rodrigues (1912-1980), em cifras... e em provocação.

Egresso de narrativas experimentais patrulhadas pela Censura, como “Jardim de Guerra” (1969), o cineasta negociou com Nelson Rodrigues (1912-1980) a possibilidade de filmar o texto literário que serve de pavimento ao roteiro de “A Dama...”, a fim de fazer dele um tratado libertário sobre o empoderamento de uma mulher oprimida em seus desejos. Solange é desenhada na tela por Sonia como signo de gestos aparentemente simples, que se agigantam poeticamente em sua forma de se impor pelo exercício do prazer. Muitos dos hábitos e práticas que o filme retrata foram esmagados sob o peso da História e, nos novos tempos, soam ásperos na tela. A fúria com que Neville se impõe contra o moralismo e o afogamento da sublimam imagens que nos sufocam, sob a direção de fotografia dionisiaca e cálida de Edson Santos. Em sua trama, uma violência conjugal é o “Basta!” que deflagra uma revolução.

Após ser abusada pelo marido na noite de núpcias, Solange passa a rejeitá-lo. A partir daí, faz de um ônibus seu Tinder mecânico particular, buscando encontros aleatórios. A canção de Caetano Veloso, “Pecado Original”, tonifica o percurso da personagem ao dizer “Todo beijo, todo medo/ Todo corpo em movimento/ Está cheio de inferno e céu/ (...) Tempo da Serpente, nossa irmã/ Sonho de ter uma vida sã”. Esses versos e demais estrofes de Caetano vão se repetir ao longo de 110 minutos, como uma ladainha de louvação à democracia afetiva.

Na Prime Video da Amazon, é possível conferir o documentário “Neville d'Almeida: Cronista da Beleza e do Caos” (2018), feito pelo crítico Mario Abbade e lançado no Festival de Roterdã.

Nem todo carnaval tem seu fim

Com sessão no Espaço Cultural Arte Sesc, o filme 'Sonho e Delírio' parte de fotografias de Luiz Baltar e de texto clássico de João do Rio para ressaltar a tradição dos bate-bolas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Quem foi menino pequeno no subúrbio do Rio um dia, ali pelos idos do carnaval, correu para o colo da mãe ao ver um bate-bola passar, quicando uma esfera de plástico no chão, qual fosse o mangual de um paladino medieval, disfarçado sob uma máscara assustadora. Esse mesmo guri de outrora, um pouco mais crescido, mudou de posição e resolveu, ele mesmo, bater a bola da folia, numa tradição, hoje menos falada, mas preservada no imaginário da arte por esforços como o do filme "Sonho e Delírio".

Com sessão marcada para sábado, às 15h30, no Espaço Cultural Arte Sesc, no Flamengo, esse exercício cinematográfico de observação e fabulação é dirigido por Marcio Nolasco. Sua narrativa constrói um diálogo entre tempos, linguagens e sensibilidades ao fundir fotografias do artista visual Luiz Baltar à narração do texto "Cordões" (1908), escrito por João do Rio (1881-1921), cronista da polis carioca do início do século 20.

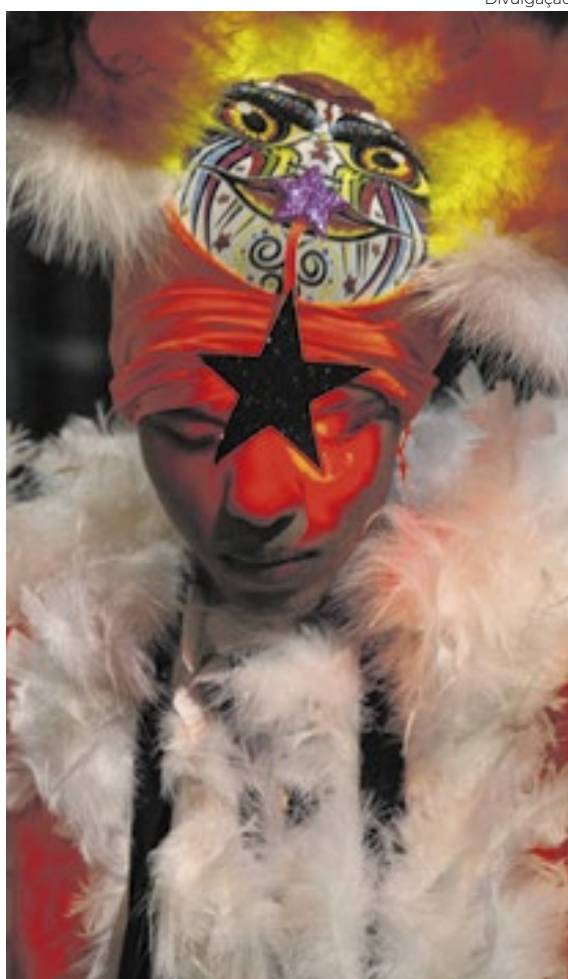
Baltar, que ainda assina o roteiro com Nolasco, explica ao Correio da Manhã que a produção acompanha a travessia de um jovem negro trabalhador que vive a expectativa de sua metamorfose no carnaval. "A partir desse percurso, o filme revela um Rio suburbano e periférico, onde o carnaval é produzido de forma coletiva por jovens, em sua maioria negros, que fazem das turmas espaços de criação, pertencimento e afirmação. São territórios como Madureira, Marechal Hermes e as favelas do Muquição, onde essa cultura se mantém viva através de práticas artesanais, do trabalho compartilhado e de uma temporalidade própria, ligada à preparação e ao ritual", diz Baltar, um artista visual, que já expôs internacionalmente.

"Esse Rio, no entanto, é atravessado por estigmas. A forma como os bate-bolas foram historicamente retratados pela imprensa evidencia um olhar que criminaliza esses corpos e não reconhece a sua força e contribuição para a cultura suburbana. O risco de desaparecimento é também narrativo. O filme busca



Luiz Baltar/Imagens do Povo

Filme parte da percepção de que o bate-bola e os clóvis pertencem a uma linha de disputa simbólica do Rio



Divulgação

Texto de 1908 de João do Rio calça a narrativa de 'Sonho e Delírio'



Divulgação

As turmas da folia hipercolorida do subúrbio

“A forma como os bate-bolas foram historicamente retratados pela imprensa evidencia um olhar que criminaliza esses corpos e não reconhece a sua força e contribuição para a cultura suburbana”

LUIZ BALTA

tensionar esse imaginário, ativando esse território como um arquivo vivo - não como memória nostálgica, mas como experiência sensorial e política, onde passado e presente

se cruzam e outras formas de ver podem emergir”, prossegue.

Bate-bolas e clóvis, conhecidos por seus guarda-chuvas estilizados, foram tema de um .doc de sucesso

do diretor teatral Marcus Vinícius Faustini, há dez anos: “Carnaval, Bexiga, Funk e Sombrinha”. À época, o Cinesystem Belas Artes Batafogo, então chamado Unibanco

Arteplex, ferveu com a investigação antropológica do encenador e cineasta. Produzido e lançado pela Fluxorama, “Sonho e Delírio” também vai além da antropologia das faces gloriosas que a festa do Rei Momo desvela (e revela) e aposta no lúdico. No primeiro momento, correspondente ao “sonho” do título, a câmera segue a preparação íntima, quase silenciosa, dos bate-bolas para a saída às ruas. Enquanto isso, os movimentos do dançarino Geovanne Pereira Chagas, chamado de Laranjinha Ritmado, funcionam como metáfora corporal dessa excitação contida, quase ritualística. Em seguida, o filme entra no “Delírio”, quando a explosão da alegria carnavalesca jorra pelo espaço urbano.

“A luz no filme acompanha essa travessia estética e política”, explica Baltar. “Em ‘Sonho’, ela é contida, densa, quase tátil. Revela o tempo da preparação, os gestos, as texturas, o trabalho coletivo. Há uma tentativa de desacelerar o olhar e criar um espaço de suspensão, onde a dimensão íntima e comunitária dessas práticas se torna visível. Em ‘Delírio’, a luz se expande e se desestabiliza: estoura, fragmenta, se torna excesso. Ela acompanha a irrupção desses corpos na rua, afirmando sua presença e produzindo vertigem. Deixa de ser apenas reveladora para também tensionar o olhar, deslocando essas imagens do campo do estigma para o da potência.

Mais do que iluminar, a luz participa da experiência — ela constrói uma forma de ver e de sentir esses corpos e esses territórios”.

Segundo Baltar, o bate-bola é um signo de transformação e de disputa simbólica. “Ele emerge de uma juventude negra periférica que, por meio da fantasia, da máscara e da performance, cria um espaço de invenção de si e de afirmação coletiva”, explica o fotógrafo. “Ao vestir a fantasia, o corpo atravessa um processo de deslocamento: entre anonimato e presença, entre medo e fascínio, entre tradição e reinvenção. Longe dos estereótipos, trata-se de uma prática altamente elaborada, que envolve criação estética, organização comunitária e transmissão de memória. As turmas funcionam como núcleos culturais, reunindo famílias e territórios em torno da festa. Nesse sentido, o bate-bola é mais do que uma manifestação carnavalesca. É um dispositivo de imaginação e resistência, uma forma de produzir mundo e de reescrever as narrativas sobre quem ocupa a cidade e como esses corpos podem ser vistos”.

Após a sessão de “Sonho e Delírio”, no Espaço Cultural Arte Sesc do Flamengo, a equipe de Nolasco participa de um debate com o público. A entrada é gratuita, sem necessidade de inscrição prévia. Contemplado no Edital Pulsar Palavra Líquida Sesc 2025, cujo tema foi “Tempo e Festa”, o curta também será exibido em outras unidades da instituição.

Agora são eles

AFFONSO NUNES

Está nascendo “Uma Outra Banda”, um encontro histórico que reúne três pesos pesados no palco. Arnaldo Brandão, Dadi Carvalho e Vinícius Cantuária — nomes que marcaram a MPB, o rock nacional e a música pop desde os anos 1970 — apresentam o espetáculo inédito “Agora Vocês” no Manouche, nesta quinta-feira (26), às 21h. O título do show reflete a proposta central: uma experiência interativa onde o público não é mero espectador, mas parte ativa de uma celebração coletiva de cinco décadas de música brasileira.

Os três artistas são amigos há décadas e resolvem unir seus múltiplos talentos neste novo projeto musical que promete revisitar dezenas de sucessos de suas carreiras. O repertório inclui clássicos como “Lua e Estrela”, “Totalmente Demais”, “Abri a Porta”, “O Tempo Não Para” e “Só Você”, além de outras faixas que marcaram época. Mas o show vai além: o roteiro também traz canções que fizeram sucesso nas vozes de ícones como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Marisa Monte, Cazuza, Lobão, Fagner, Fábio Jr. e Gal Costa.

“Eu, Arnaldo e Dadi temos uma amizade de muitos anos. Com Arnaldo tive a felicidade de trabalhar em vários projetos. Sempre tivemos muita ligação: morei na casa dele num certo período da minha vida. E o Dadi também, sempre grande amigo, sempre juntos, jogando futebol e se encontrando diariamente, pois moramos na Gávea. Mas nunca tínhamos feito um trabalho assim de banda. Nunca trabalhamos juntos os três. Então começamos a nos reunir aqui em casa e fazer um som. E decidimos levar o que fazíamos em casa para o palco. A amizade e a música são a principal razão de ser deste banda”, relata Cantuária.

Arnaldo Brandão começou sua carreira em 1969, aos 18 anos, como baixista da banda de rock The Bubbles. Depois integrou “A Bolha” e foi baixista do histórico show dos “Doces Bárbaros”, com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Gal Costa. Mais tarde, participou de “A Outra Banda da Terra”, acompanhando Caetano em turnês.

Arnaldo Brandão, Dadi Carvalho e Vinícius Cantuária criam ‘Uma Outra Banda’ com repertório dos maiores sucessos de suas carreiras

Leo Aversa/Divulgação



Arnaldo
Brandão,
Dadi
Carvalho
e
Vinícius
Cantuária

Fundador das bandas “Brylho” e “Hanói-Hanói” — que marcaram os anos 1980 — Brandão seguiu em carreira solo com trabalhos aclamados.

Dadi Carvalho é um dos baixistas mais versáteis da música brasileira. Integrou os “Novos Baianos” em sua fase mais revolucionária, quando a banda redefiniu os limites entre MPB e rock. Depois, foi membro de “A Cor do Som”, referência absoluta na fusão entre MPB e pop, trazendo uma sonoridade sofisticada. Também integrou o grupo Barão Vermelho em sua formação original com Cazuza. Ao longo de sua carreira de mais de 50 anos, trabalhou com nomes como Caetano Veloso, Rita Lee, Marisa Monte, Os Tribalistas e Jorge Ben. Lançou ainda discos solos no Japão e no Brasil.

Vinícius Cantuária fundou O Terço nos anos 1970, uma banda que se tornou seminal na história do rock progressivo brasileiro. Depois integrou “A Outra Banda da Terra”, acompanhando Caetano Veloso em turnês que marcaram época. Sua carreira tomou dimensão internacional quando se mudou para Nova York, onde gravou álbuns e desenvolveu parcerias com músicos de renome global como Ryuichi Sakamoto, Bill Frisell, Brad Mehldau e Melody Gardot. Cantuária é referência internacional na expansão dos limites da bossa nova e do samba, incorporando elementos de jazz, funk e música contemporânea. Seus hits “Só Você” e “Lua e Estrela” continuam sendo recordados pelo público brasileiro.

O show “Agora Vocês” promete ser mais que um simples concerto. Os três artistas compartilharão histórias, lembranças e bastidores de suas trajetórias, criando uma “aula-show” onde a música se entrelaça com narrativas pessoais. É um encontro raro entre três músicos que, individualmente, já deixaram marcas profundas na MPB e agora se reúnem para compartilhar legados, histórias e afetos.

SERVIÇO

UMA OUTRA BANDA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
26/3, às 21h
R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária, mediante doação de 1kg de alimento não-perecível ou livro)

AFFONSO NUNES

Roberta Spindel chega ao Blue Note Rio, nesta quinta-feira (26), às 22h30, com o show “Sempre Será”, apresentação que marca o lançamento de seu novo single autoral. A canção que dá nome ao espetáculo estreia nas plataformas digitais nesta sexta-feira (27). A apresentação em formato intimista reúne os músicos Gabriel Barreto (percussão) e Vinny Andrade (violão e guitarra).

A cantora chega recém-saída de uma turnê pelos Estados Unidos, onde participou como convidada especial nos shows do violonista Diego Figueiredo em dez estados. No Rio, apresenta um repertório que mescla composições autorais com releituras de clássicos da música brasileira e canções que marcaram sua trajetória em parcerias com nomes como Caetano Veloso, Ney Matogrosso, Zeca Baleiro e Renato Teixeira.

A trajetória de Spindel começou em 2011 com o álbum “Dentro do Meu Olhar”, lançado pela Universal com produção em Los Angeles e participação de Caetano Veloso na faixa “Como Dois e Dois”. O disco contou com músicos de renome como o baixista Neil Stubenhaus e o baterista Vinnie Colaiuta. Duas canções do álbum integraram trilhas sonoras de novelas da Globo: “Esquinas” (Morde e Assopra) e “Se Eu Quiser Falar com Deus” (Amor Eterno Amor). Naquele ano, foi indicada na categoria Re-



Divulgação

Roberta Spindel vai apresentar, em primeira mão, a canção autoral ‘Sempre Será’

Roberta Spindel em formato intimista

Cantora e compositora apresenta novo material e releituras de sucessos brasileiros no Blue Note Rio nesta quinta

velação do prêmio Multishow.

Desde então, a artista consolidou parcerias com artistas como

Oswaldo Montenegro, Sandra de Sá e Luís Melodia. Em 2022, lançou o single “Depois do Tem-

poral”, que integra o EP “Alma Água” ao lado de faixas como “Mais Uma Vez” (com Suricato) e “Eu Chamo de Coragem” (com Zeca Baleiro). Recentemente, gravou com Ney Matogrosso uma nova versão de “Sangue Latino”, clássico que completou 50 anos em 2003. Também integrou a banda do programa “Popstar”

da Rede Globo.

SERVIÇO ROBERTA SPINDEL - SEMPRE SERÁ

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1.910, Copacabana) 26/3, às 22h30 Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Henrique Band/Divulgação



Autoralidades no BNDES

A cantora e compositora Grazie Wirtti apresenta o show “Pare Olhe Escute” no Espaço Cultural BNDES nesta quinta (26), às 19h. O repertório foca em canções autorais de seu novo disco, além de incluir faixas do álbum “Tunguele”, que contou com a participação de Milton Nascimento. A artista - irmã da também cantora e compositora Nina Wirtti e do multi-instrumentista Guto Wirtti - é reconhecida pela força emocional de sua obra interpretação. Os arranjos são assinados por Henrique Band e pela própria Grazie. Grátis

Divulgação



O escultor dos ventos

Carlos Malta celebra 50 anos de carreira com um concerto no Teatro Rival Petrobras nesta quinta (26), às 19h30. O multi-instrumentista relança seu álbum “O Escultor Do Vento” (1997), com participação de Guinga, que esteve no trabalho original. Malta, apelidado de “O Escultor Do Vento” por sua técnica de criar percussão com instrumentos de sopro, revisita o álbum que marcou sua carreira solo após integrar a banda de Hermeto Pascoal, período que o artista considera sua grande escola musical.

Rikko Oliveira/Divulgação



Sobre nordestinidades

Natascha Falcão se apresenta no Blue Note Rio nesta quinta (26), às 20h. A artista propõe um encontro musical entre a cultura nordestina e o jazz, explorando a nordestinidade como campo de criação. O show, em formato minimalista, destaca sua voz e sanfona. O repertório inclui composições próprias, como “Ave Mulher”, e releituras de clássicos como “Adeus” e “Anjo Querubim”, esta última conhecida por sua inclusão na novela “Dona De Mim”. Outras canções como “Hotel Das Estrelas” e “O Ciúme” também fazem parte da apresentação.

“O espetáculo conta a história da pombagira de maneira empática, fazendo com que o pensamento imposto pela sociedade se transforme em um novo olhar sobre essas entidades, criando uma relação mais humana e menos mistificada”

MARCELA TREZE



‘Menina Mojubá’
inicia
temporada
gratuita
em oito
unidades
do Sesc ao
redor do
estado

Para demolir preconceitos

Depois de quase três anos circulando de forma independente, o espetáculo “Menina Mojubá” entra em um novo ciclo. A peça, que trabalha a figura da pombagira como ferramenta para desconstruir preconceitos em torno das religiões de matriz africana, inicia uma circulação pelo Sesc RJ com apresentações gratuitas em oito cidades. A estreia acontece nesta quinta (26) em São Gonçalo, às 19h.

O trajeto até aqui marca uma trajetória pouco comum em produções independentes. Marcela Treze, que assina a dramaturgia e atuação, e Gabriel Gama, na direção, começaram com apresentações para plateias pequenas — em alguns momentos, apenas cinco espectadores por sessão. Ao longo do tempo, a peça conquistou um público crescente, acumulando apresentações em cida-

des do Rio de Janeiro, São Paulo, Piauí e Rio Grande do Norte. O reconhecimento levou a montagem a um edital de circulação do Sesc, movimento que representa uma mudança significativa para um projeto que se manteve vivo sem grandes financiamentos culturais.

A peça trabalha a história de Menina, criança que cresceu nas ruas e conheceu as durezas da miséria, caminhos ilegais e a maldade humana. Mas carregava em si uma força ancestral que a fez rainha no mundo espiritual. Após seu falecimento, torna-se uma pombagira — entidade do universo das religiões de matriz africana — e busca garantir não só a própria sobrevivência, mas a de todos que são merecedores de seu amor.

A montagem propõe uma abordagem sensível sobre essas narrativas, frequentemente marginalizadas e demonizadas. “O espetáculo conta a história da

‘Menina Mojubá’ leva narrativa que ressignifica figura da pombagira para oito cidades fluminenses com entrada gratuita

pombagira de maneira empática, fazendo com que o pensamento imposto pela sociedade se transforme em um novo olhar sobre essas entidades, criando uma relação mais humana e menos mistificada”, explica Marcela. A estratégia parte do princípio de que a

falta de conhecimento sustenta a intolerância religiosa.

A experiência é construída através de elementos autênticos da ritualística de terreiro. Ao entrar no espaço, o público recebe uma cachaça branca para aguçar os sentidos enquanto o aroma de ervas e incensos preenche o ambiente. Durante a apresentação, músicos tocam atabaques para Exu, e há sete trocas de figurinos que dão vida e identidade aos personagens. Os sons vibrantes do tambor, os pontos cantados e a imersão sensorial transformam a experiência teatral em algo que vai além da representação convencional.

A peça acumula 17 prêmios e 24 indicações em festivais de teatro. Nas redes sociais, conquistou mais de 100 mil seguidores, número expressivo para uma produção independente. Para Marcela, a circulação representa mais que um avanço profissional. “Para nós, um grupo preto de axé, ter

espaço para contar nossas histórias já é algo grande. Conseguir ser reconhecido, não só pelo trabalho artístico, mas pela beleza e força da trajetória de uma pombagira, é a sensação que estamos honrando a nossa ancestralidade”, defende.

“Todos os dias antes de começar a apresentação, eu peço aos meus guias que entreguem aquilo que as pessoas buscam ali. Peço para que saiam encantados pela beleza de pombagira e certos que essa entidade transmite amor”, argumenta.

SERVIÇO

MENINA MOJUBÁ

Circulação Sesc RJ: São Gonçalo: 26/3, às 19h; Ramos: 27/3, às 19h; Teresópolis: 28/3, às 19h30; Barra Mansa: 9/4, às 19h; Centro Cultural Sesc Quitandinha: 10/4, às 19h; Niterói (17/4), às 19; Campos: 15/5, às 19h; e Nova Iguaçu (6/6), às 19 | Entrada franca

Uma provocação sobre desejo e autonomia

Milla Fernandez expõe limites entre performance artística e erótica no monólogo radical 'TIP (antes que me queimem eu mesma me atiro no fogo)'

Quando a pandemia fechou os teatros entre 2020 e 2021, milhares de artistas enfrentaram o mesmo dilema: como sobreviver sem renda? Para a atriz Milla Fernandez, a resposta veio de um lugar inesperado — o universo do entretenimento adulto online. Aquela experiência, vivida com o apoio da família, agora retorna à cena como matéria-prima de "TIP (antes que me queimem eu mesma me atiro no fogo)", um monólogo que transforma o relato pessoal em provocação teatral sobre performance, desejo e sobrevivência material.

A peça parte de um momento-limite: sem perspectivas profissionais e diante da urgência de garantir renda, Milla mergulhou no trabalho como camgirl, atendendo demandas de clientes anônimos em troca de gorjetas — as "tips" que batizam a montagem. O que poderia ser apenas um depoimento confessional se desdobra, porém, em questionamento amplo sobre a condição da mulher artista numa sociedade orientada pela imagem e pelo desejo alheio.

Em cena, a atriz não poupa a si mesma: transita entre humor ácido e exposição de vulnerabilidades, destrinchando situações cômicas, constrangedoras e dolorosas vividas tanto no universo pornô quanto na área do entretenimento tradicional. A dramaturgia propõe reflexão sobre os limites entre performance artística e performance erótica, entre autonomia e submissão aos desejos de uma plateia — seja ela composta por espectadores de teatro ou consumidores de conteúdo adulto.

"Na pandemia, sem ganhar um centavo como atriz, eu decidi



“Vivi uma vida inteira tentando estar preparada para quando o mundo caísse. Aí ele caiu e esmagou todas as verdades que eu tinha construído”

MILLA FERNANDEZ

molhar os pés no universo das camgirls. Acabei mergulhando de cabeça, me afogando num mar violento e só quando cheguei no fundo e pensei que ia morrer, descobri que dá pra respirar embaixo d'água", relata Milla em trecho que sintetiza a lógica da peça: o abismo como possibilidade. Para a atriz, o processo representou revisão radical de suas próprias certezas.

"Durante anos meu objetivo foi

me sentir segura. Hoje eu quero me sentir cada vez mais confortável na insegurança", afirma. "Eu pensava que controlar tudo era sinônimo de força. Vivi uma vida inteira tentando estar preparada para quando o mundo caísse. Aí ele caiu e esmagou todas as verdades que eu tinha construído. Essa peça não é uma resposta, é uma pergunta que eu me faço todos os dias." O testemunho aponta para algo além da narrativa

individual: a experiência de uma geração que precisou se reinventar rapidamente, sem manual de instruções, quando as estruturas que a sustentavam desabaram.

Rodrigo Portella reconhece a radicalidade da proposta. "Eu fico abismado com a coragem dela. Eu jamais me exporia dessa forma", confessa. "Apesar de que nem tudo corresponde à verdade (no que diz respeito aos fatos), essa é uma das

peças mais 'de verdade' em que eu já estive envolvido." Para o encenador, a peça trata de "uma jovem atriz que se atira no abismo, uma mulher que se lança no fogo ao invés de fugir ou paralisar. Não é só um ato de coragem, mas de resiliência e reparação. Uma espécie de revisão do seu processo de constituição como pessoa e artista".

Portella, que em 2025 estreou uma adaptação de "Ensaio Sobre a Cegueira" com o Grupo Galpão e dirigiu o musical "Ray — Você Não Me Conhece" (vencedor do Prêmio APCA 2025 de Melhor Direção), faz escolhas cênicas radicais. A encenação, ensaiada em Barcelona com apoio da prefeitura local, aposta em recursos minimalistas: longos tapetes vermelhos funcionam como único elemento cenográfico, evocando simultaneamente glamour e artifício. Portella expõe a arquitetura teatral, retirando os tradicionais panos pretos da caixa cênica, explicitando ao público que está diante de uma construção, não de uma ilusão naturalista. A trilha sonora de Federico Puppì e Leo Bandeira tem caráter essencialmente percussivo, complementado pela própria Milla Fernandez, que toca sax durante o espetáculo. O figurino de Karen Brusttolin desvia-se dos clichês e dos fetiches.

Milla Fernandez, atriz de nacionalidade hispano-brasileira, tem formação técnica na Escola de Atores Wolf Maya e graduação em Interpretação Teatral pela CAL, concluída em 2019. Estreou no papel de protagonista do filme "Christabel", pelo qual recebeu indicação de Melhor Atriz no Festival de Cinema de Pernambuco em 2018. Em 2021, filmou "Alice Mandou um Beijo", dirigido por Rodrigo Portella, além de colaborar com a dramaturgia dos espetáculos "Ficções" e "Ray — Você Não Me Conhece", ambos de Portella.

Ao transformar a própria fragilidade em potência criativa, Milla propõe ao público um pacto de honestidade radical sobre os impasses da sobrevivência material e simbólica de mulheres artistas no capitalismo contemporâneo.

SERVIÇO

TIP (ANTES QUE ME QUEIEM EU MESMA ME ATIRO NO FOGO)

Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 – Glória)

De 26/3 a 5/4, quinta a sábado (20h) e domingos (18h)

Ingressos a partir de R\$ 50



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Famoso pelo bordão “No dia mais claro, na noite mais densa, o Mal sucumbirá ante a minha presença!”, o universo de super-heróis designados pela alcunha de Lanterna Verde chegou aos 85 anos em julho de 2025, festejando sua primeira aparição - lá em 1940, em “All-American Comics”, nº 1 - numa busca por variados rumos. A trilha mais bem sucedida encontrada se chama “Absolute Green Lantern” e já está à venda no Brasil, muito bem traduzido pela Panini Comics, num precinho dos mais camaradas (R\$ 19,90). Al Ewing escreve e Jahnny Lindsay desenha.

A base da dramaturgia é a mesma do selo “Absolute”, que virou a maior mina de ouro da editora DC Comics desde a HQ “Superman” nº 74 (com a morte do Homem de Aço), que vendeu seis milhões de exemplares em 1992. Essa premissa reformista consiste em reinventar vigilantes famosos. O conceito por



Fotos/Divulgação
A Tropa dos Guardiões Esmeralda reunida para o número 600 de Green Lantern nos EUA

Esmeralda nas veias

Prestes a ganhar série na HBO Max, o universo Lanterna Verde contagia as bancas (e amplia a venda) do selo ‘Absolute’, que reinventa os vigilantes da DC Comics, editora do Batman



trás dessa nova linhagem se baseia em visitar heróis famosos da Liga da Justiça a fim de apresentá-los a novas e novíssimas gerações a partir de bases sociológicas da contemporaneidade. O Batman desse segmento, por exemplo, usa um machado e sangra seus adversários sem pena. Já Kal-El teve a chance de viver com seus pais biológicos em Krypton antes de sua ida à Metrópolis ser considerada.

O que se lê em “Absolute Green Lantern” é uma realidade onde o anel do poder esmeralda não é reconhecido e onde (ainda) não se

fala numa Tropa de Lanternas. Um alienígena tamanho GG, o outrora ambíguo Abin Sur, chega à Terra e parece disposto a julgar todas as pessoas de Evergreen, incluindo a jovem Jo Mullein e o piloto Hal Jordan (apresentado aos nerds nacionais no desenho dos “Superamigos”).

Mas esse ser alienígena é amigo, inimigo ou uma entidade neutra? E o que exatamente seu julgamento trará para nossa realidade? Jo parece ter herdado energias fora dos padrões humanos para combater o Mal. Jordan, por sua vez, está toma-

do por uma onda energética que se afina com as trevas, não com o Bem.

O volume dois, previsto para a segunda quinzena de abril explora mais ainda essa luta, com direito a um personagem a mais: Guy Gardner, levado às telonas no recente filme “Superman”, do diretor James Gunn, onde foi vivido por Nathan Fillion. Famoso nas artes gráficas por seu penteado de cuia, o mais esquentado dos Lanternas agora, nessa linhagem de quadrinhos “Absolute”, é representado como um xerife. Parece um tipo mais velho... um

tanto mais moderado. O texto de Al Ewing não explica bem seu jeitão, por explorar mais a figura de Jo Mullein, num protagonismo feminino.

No passado, Jordan foi o mais popular portador da joia esverdeada que solidifica o desejo de seus detentores. Ou seja, precisa de um canhão cósmico, o anel cria um para você, verdinho. Até agora, nada se falou sobre o maior inimigo de Jordan, o possuidor do Anel Amarelo, o vilão Sinestro, que ganha espaço num encadernado (“A Saga do Lanterna Verde” nº 7) que a Panini acaba de mandar para as bancas. Outra saga importante já às vendas é “Confronto Psíquico”, com o Lanterna John Stewart, popularizado entre nós em desenhos exibidos no SBT.

Para entender melhor essa linhagem de guardiões do cosmos, vale dar uma percorrida sem pressa no site www.panini.com.br e caçar o encadernado “Lanternas Verdes: Gladiadores Esmeralda”. Nele, Gardner e seus colegas Kilowog e Arisia exploram os setores desconhecidos da galáxia, determinados a iluminar com sua luz verdejante os cantos mais sombrios dos territórios desconhecidos para trazer ordem ao universo. Mas qual seria a missão secreta de Gardner para o maligno Lanterna Vermelho, Atrócitus, que o colocará em conflito com Hal Jordan? Ao longo de 304 páginas, esse tijolo reúne artistas gráficos como Bernard Chang, Daniel HDR, Fernando Pazarin, Peter J. Tomasi e Tony Bedard.

As aventuras narradas por essa turma salpicam informações sobre a origem de Gardner no mercado editorial. Ele foi criado por John Broome e Gil Kane em “Green Lantern (vol. 2)” nº 59, em março de 1968, embora esse ferrabrás tenha sido alterado significativamente na década de 1980 por Steve Englehart e Joe Staton, que o transformaram em uma paródia chauvinista de um americano ultra macho. Esse continua sendo o arquétipo do personagem até hoje. Quando Englehart começou a escrever, John Stewart, um Lanterna associado a lutas antirracistas, era o personagem-título. Englehart inicialmente se perguntou o que impedia que vários Lanternas Verdes estivessem ativos ao mesmo tempo. Com isso, reformulou Gardner, que ganhou ainda mais adesão (e volume de vendas) ao entrar para a Liga da Justiça Internacional, numa saga de tramas escritas por J.M. DeMatteis e Keith Giffen e ilustradas por Kevin Maguire.

Existem muitos Lanternas famosos além de Gardner. Um deles é Alan Scott, o Lanterna da década de 1940, repaginado pela DC a partir de conflitos pessoais. Gay, ele enfrenta o preconceito contra populações queer num álbum que leva seu nome, editado pela Panini.

Em agosto, a HBO Max vai expandir as fronteiras dessa franquia de quadrinhos ao estreitar a série “Lanternas”, com Kyle Chandler como Hal Jordan e Aaron Pierre de John Stewart. Caberá ao ator Ulrich Thomsen viver Sinestro.